



RESENHA

DESCREVENDO A FASE SUPERIOR DE UMA CULTURA TOTALITÁRIA ENTRE O MATERIALISMO E A SUBJETIVIDADE HUMANA

Daniel Azevedo Muñoz¹

RESUMO: Esta resenha da obra *Cultura totalitária: a sociabilidade humana em questão*, de Dennis de Oliveira, descreve como o autor chega no mais alto ponto da seu trabalho intelectual entre suas expressões da academia e da militância, questionando sobre como um livro de questionamentos – baseado no materialismo histórico marxista imposto aqui por casos de uma realidade material pouco palatável e explicável para o humano contemporâneo – pode abrir caminho para uma nova forma de pensar (através das margens do sistema) uma saída para o realismo capitalista e sua expressão cultural de fase superior, definida pelo autor como cultura totalitária.

PALAVRAS-CHAVE: *Cultura totalitária. Dennis de Oliveira. Realismo capitalista. Materialismo histórico e dialético. Subjetividade do pensamento humano.*

ABSTRACT: This book review of *Totalitarian Culture: Human Sociability in Question*, by Dennis de Oliveira, describes how the author reaches the highest point of his intellectual work between his expressions of academia and activism, questioning how a book of questions—based on the Marxist historical materialism impounded by cases of a material reality that is unpalatable and inexplicable to contemporary humans – can pave the way for a new way of thinking (through the margins of the system), a solution to capitalist realism and its higher cultural expression, defined by the author as totalitarian culture.

KEYWORDS: *Totalitarian culture; Dennis de Oliveira. Capitalist realism. Historical and dialectical materialism. Subjectivity of human thought.*

¹ Doutor em História Contemporânea pela Universidade Autônoma de Madri (Espanha). Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de São Paulo e mestre em História Contemporânea pela Universidade Autônoma de Madri. Email: danielmunoz321@gmail.com.

Dennis de Oliveira, em sua mais recente obra *Cultura totalitária: a sociabilidade humana em questão*, atinge um possível auge de uma apta descrição da sociabilidade humana na qual vem trabalhando ao longo de sua já longa carreira como intelectual e militante. Andando pelas margens de conceitos marxianos – ou marxistas, ainda que os ditos heterodoxos possivelmente demonstrariam uma infantil relutância em considerar a realidade que o livro de Oliveira traz –, o autor volta a demonstrar uma busca por pensar a sociabilidade humana em uma universalidade que destoa tanto de uma ideia de homogeneização, quanto da natureza desta expressão dentro do viés do neoliberalismo vigente na academia contemporânea, viciada na atomização de perfis e pesquisas.

Em uma tradição que deixa latente suas origens como um comunicador e intelectual do Sul Global, suas obras se constroem através de uma carreira de ação e existência material política, descrevendo os cenários da dissolução do pensamento dogmático enquanto esta ocorre. O mesmo que se pôde encontrar de universalidade em diversidade em suas obras sobre o jornalismo – que acabam por mais dizer sobre a forma como a comunicação humana responde ao isolamento dos tempos contemporâneos – ou sobre o racismo estrutural – que acabam por delimitar os limites de uma sociologia emancipatória criada sobre bases de uma sociedade demasiado homogênea –, este último livro fala diretamente sobre cultura, ainda que não se furta a ter provocadoras reflexões sobre política e comunicação.

Quase como a expressão de um iracundo ao qual Darcy Ribeiro dedicava sua obra sobre a sociologia do povo americano, Oliveira exerce sua carreira acadêmica em semelhante forma de vida intelectual e política, hoje se dirigindo a uma nova classe de iracundos, aos quais a sociologia de Ribeiro certamente não poderia antecipar a manifestação. Sem receios de inconsistência e sem almejar um universalismo idealista europeu, Oliveira – assim como Ribeiro – trabalha sobre as égides destes pensadores como para debater com eles, não como um intelectual de uma estirpe menor, mas justamente pela altura de alguém que pensa a sua realidade e a sua geografia de maneira autônoma. Oliveira em suas obras aponta como o pensamento europeu se fartou de incongruências que partiam de seus excludentes contratos sociais, não apenas para pensar em formas de superá-los, como também para evitar que o universalismo tosco siga

outorgando a povos do Sul Global uma pureza de pensamento e ação que jamais foi regra sobre o pensamento europeu daqueles que “venceram” as guerras de dominação do passado.

Sem esquecer-se de sua origem como jornalista, Oliveira começa esta obra com a provocação marxista de forçar sobre as bases do nosso pensamento a realidade material – que, até os mais ortodoxos haverão de concordar, é a única base possível para a razão. Essa recordação de um cronista do tempo histórico refresca-se sobre uma historiografia da Escola de Frankfurt, pela metodologia do quase esquecido Walter Benjamin, tensionando as soluções de seus mais eternizados e sobreviventes colegas. A partir da descrição de duas tão horríveis quanto banais cenas, Oliveira convida o leitor a um debate com as bases do pensamento da razão humana dos séculos XIX e XX, sem intenção de guiar nem um desacordo nem uma explicação, apenas buscando uma senda de caminho para as quais aquela realidade inicialmente descrita pode retomar algum sentido de humanidade. O livro é gentil com os interlocutores do passado, mas sobretudo, do presente.

As reflexões dos seguintes capítulos sobre a distorção dos conceitos de verdade e responsabilidade, que deriva desta fase superior da atomização humana que vivemos, se dão sobre bases semelhantes às introdutórias, certamente abrindo portas para provocar intelectuais tanto excessivamente liberais como propagandisticamente marxistas, relutantes a andar pelas vias pelas quais estes pensamentos podem – e necessitam – ser atualizados para a nossa fase do modelo de exploração do capital que se urde cada vez a passos mais largos. O livro convida o leitor a livremente observar como os tentáculos da descrita cultura totalitária se manifestam inclusive sobre o pensamento intelectual que deveria se fazer resistência, pois colonizou as bases da expressão e existência humana na atual sociedade do espetáculo e das competições. Oliveira questiona, sem oferecer uma resposta de todo definitiva, se a solidariedade humana pode se perder entre as expressões finais de um ser tão obcecado pela ideia de liberdade que se prostra sobre a conclusão de que a individualidade apenas se expressa em vias de dominação – mesmo entre grupos emancipatórios.

O realismo capitalista aparece na obra em mais uma provocadora parte, em que Oliveira sutilmente leva o leitor a perceber como a comunicação atual não mais funciona num processo de alimentação continuada, atualizando até as importantes obras de Ciro Marcondes Filho. Sem a pretensão ou o tempo histórico possível para ditar essa resposta, a obra nos traz a expressão da realidade de uma comunicação que a força parece maquinar um modelo torto de funcionamento, criado sobre as égides dos mitos civilizatórios norte-americanos. A disfunção comunicacional entre concidadãos do mundo virtual, que não aceitam que o processo discursivo não se reduz a uma quase submissão absoluta entre um receptor e um orador, se manifesta em clareza nos exemplos de Oliveira, deixando latente a crise de relações marcadas por esse aspecto da fetichização do controle.

Por fim, o autor convida o leitor a assustar-se com os cenários de crise civilizatória atuais, mas sem negar-lhe o alento da parte mais importante da obra – um manifesto sobre a ação política possível no presente tempo, a real utilidade de qualquer obra de ciência social. Nas duas páginas sobre as perspectivas de resistência ao modelo, Oliveira deixa um campo aberto e um convite aos intelectuais atuais do Sul Global a retomarem um pensamento crítico no universo da academia, que possa romper com a sua manifestação neoliberal do descritivismo nulo de micro-realidades.

7

Como usual em importantes ensaios, a margem para o desacordo existe e pode ser ampla – mesmo entre não ortodoxos de pensamento. Não se trata de uma obra que manifesta um ensino do tipo clássico, ainda que emane os ares de professor que o autor sabe utilizar. É uma obra que convida ao aprendizado coletivo por meio de um debate ativo, sem amarras ou interdições e sem a pretensão da criação de uma linha de pensamento que exija do interlocutor uma passividade, corrigindo assim os aspectos do pensamento iluminista tanto citado. Buscado o consenso na discordância do debate, este sempre necessariamente pautado pela realidade material, Oliveira oferece uma descrição da fase superior de nossa atual cultura totalitária, permeando-se sempre do marxismo Freireano que desestima que a educação e a comunicação sejam vistas com a tradicional lente europeia de dominação, que tantas vezes se impôs sobre a realidade dos povos que das “margens” do citado rio da civilização humana, podem efetivamente construir mais alternativas que os que nadam em plena corrente.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. São Paulo: Alameda, 2020.
- FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- MARCONDES FILHO, C. *Nova teoria da comunicação: o rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico*, v. 1. São Paulo: Paulus, 2013.
- OLIVEIRA, Dennis de. Ação direta do capital: o poder do capitalismo contemporâneo. *Revista psicologia política*, vol. 15, n. 33, p. 405-421, 2015.
- OLIVEIRA, Dennis de. *Cultura totalitária: a sociabilidade humana em questão*. São Paulo: Instituto Abya Yala, 2025.
- OLIVEIRA, Dennis de. *Jornalismo e os dilemas da sociedade da inflação de informações*. São Paulo: Instituto Abya Yala, 2019.
- OLIVEIRA, Dennis de. *Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica*. São Paulo: Dandara, 2021.
- RIBEIRO, Darcy. *O dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes*. Petrópolis: Vozes, 1979.